

ban las patatas en asarse, dependia del tamaño y por eso habia que escogerlas parecidas, pues todas tenian que sacarse a la vez. Cuando se calculaba que estaban asadas, una media hora, con varas o palos se esparcía la lumbre y se iban sacando las patatas. Sentados alrededor de la hoguera las cogíamos, apretándolas un poco se abrian y entonces, con sal o añadiendo un poco de manteca, tan buena es aquella región, las comiamos. Puedo asegurar que son las mejores patatas asadas que pueden comerse.

Naturalmente, este modo de asar patatas, o hacer lumbre en el campo, no lo habíamos inventado los vereaneantes sino que es la forma tradicional que en Campóo usan los pastores, o más bien, los labradores y ganaderos cuando están en el campo.

NIEVES DE HOYOS SANCHO.

### Sobre o termo «Reno» nos moinhos portugueses

Em 1958, um grupo de alunas do Professor Léon Bourdon, do Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros, da Sorbonne, entre as quais se encontrava M.<sup>lle</sup> Parvaux, realizou em Portugal um notável trabalho de prospecção acerca dos moinhos de vento da Estremadura, cujos resultados deviam seguidamente ser publicados. O aparecimento, entretanto, do estudo global sobre moinhos portugueses, que, de há longa data, era objecto de investigação dos colaboradores deste Centro de Estudos levou essas senhoras a considerar dispensável tal publicação. É-nos, porém, sumamente grato registar aqui o interesse do trabalho por elas realizado, lamentando apenas que a anterioridade das nossas actividades tivesse prejudicado um tão apreciável labor. Em todo o caso, damos a seguir uma nota, de carácter linguístico da autoria de M.<sup>lle</sup> Parvaux, registando um termo estremento que passou despercebido à nossa investigação.

Este termo, que não encontramos em nenhum dicionário, parece ser uma deformação local da palavra «orreiro», ortografada também «urreiro».

A «Enciclopédia Luso-Brasileira considera-o como um regionalismo do Algarve, e dá dele a seguinte definição: Trave que entra uma cavidade das lajes que forram o poço de certos moinhos».

Quando se não pode consultar a Revista Portugalia (T. I., p. 388), à qual a Enciclopédia remete, esta definição fica bastante imprecisa (1). Parece, contudo, que nos moinhos da Estremadura, como nos moinhos descritos na obra «Sistemas primitivos de moagem em Portugal: moinhos, azenhas e atafonas», publicada em 1959 pelos Srs. Jorge Dias, Ernesto de Oliveira e Fernando Galhano, os termos «reno» (2) e «urreiro» designam uma peça precisa e diferente. Trata-se de um barrote transversal que se apoia em orifícios abertos nas duas escoras verticais (de madeira) que servem de armação ao moinho (3). O eixo metálico que atravessa o jogo das mós situado no piso de cima termina e roda sobre uma chumaceira, as mais das vezes de metal, fixada no centro desse barrote. Este pode mover-se verticalmente. Este arrasta o eixo das mós no seu movimento, e permite assim que se regule o afastamento entre essas mós do andar superior.

Este termo de «reno» foi ouvido no moinho de Malveira I, situado do lado esquerdo da estrada do Guincho a Sintra, perto de Lisboa. Na maioria dos moinhos da Estremadura, que visitamos, recolhemos o mesmo termo, pronunciado também por vezes «reino» (em Malveira II, em Caixeiro perto da Praia de Santa Cruz...)

Notamos também uma tendência para a ditongação nesta província, em outros termos do nosso estudo dos moinhos: ex. escota-escoita; escora-escoira; movedor-moviedor; e reno-reino.

SOLANGE PARVAUX.

Trad. E. V. O.

(1) De facto, a definição respeita e só se aplica a um tipo especial de moinhos de água, a que demos o nome de «Moinhos de Submersão», nos quais o rodete trabalha dentro de um poço, accionando aí o eixo, ou *pela*, que apoia, em baixo, nessa peça; e, para ser compreendida a sua função, deveria completar-se com a nota de que, numa das extremidades da mesma, «entra uma vara de ferro denominada a *agulha* a qual, colocada em sentido vertical, vem terminar um palmo pouco mais ou menos, acima do sobrado, por uma rosca em que se insere uma manivela: serve para abaixar ou levantar as mós» (artigo citado — Costumes algarvios — Moinhos — J. Nunes, in Portugalia, I, p. 388).

(2) De facto, os A. A. não registaram a palavra «reno», mas sim «reina», Cova da Lua (Bragança).

(3) Rigorosamente, esse barrote encontra-se apenas apoiado por uma das extremidades, ficando a outra suspensa pela agulha ou aliviadouro, cujos movimentos lhe transmitem os pequenos deslocamentos verticais do veio. Note-se que esta descrição se refere apenas aos moinhos de vento; nos de água, o urreiro, de mecanismo, função e nomes semelhantes, repousa porém no fundo do cabouco ou poço, sob o rodízio ou o rodete.